

Rosália Sandoval: a poetisa do Norte sob a égide do “espírito feminino” (Maceió-AL, 1888-1953)

Rosália Sandoval: the poetess of the North under the aegis of the
“feminine spirit” (Maceió-AL, 1888-1953)

Roberta Sodó

Graduanda em História
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
robertasodo7@gmail.com

Recebido em: 07/10/2021

Aprovado em: 15/11/2021

Resumo: Este texto concentra-se em alguns aspectos da vida e da obra da poetisa maceioense Rita Souza de Abreu, ou Rosália Sandoval, como era conhecida do público leitor de jornais entre os séculos XIX e XX. Tal direcionamento é tomado, sobretudo, porque Rosália Sandoval teve participação significativa na imprensa feminina de Maceió-AL, tema sobre o qual tenho me debruçado nos últimos anos. Conforme desejei fazer, as escritoras e produtoras de jornais são um tema específico da pesquisa, que busca tecer uma história da ação feminina e feminista no campo das letras e do jornalismo de Maceió, na segunda metade do século XIX. Trata-se, portanto, das primeiras investigações e ideias desenvolvidas pela análise dos rastros deixados nos jornais, os quais constroem a imagem de uma grande poetisa do Norte do Brasil. Quanto aos aspectos teóricos, a condução da pesquisa é afinada com as abordagens feministas da história, também aos estudos de *gênero* numa perspectiva *interseccional* (SCOTT, 1995; NICHOLSON, 2000; CRENSHAW, 2002; RUBIN, 2003).

Palavras-chave: Rosália Sandoval; Imprensa feminina; Feminismo.

Resumen/Abstract: The text focuses on some aspects of the life and work of maceioense poet Rita Souza de Abreu, or Rosália Sandoval, as she was known by newspaper readers between the 19th and 20th centuries. I choose this path above all, because Rosalia Sandoval participated in the production of women's newspapers in Maceió-AL, the type of press that I have been focused in recent years. As I wanted to make in this way, the Newspaper's writerses and producers are a specific theme of this research that has a story about the female and feminist action on the Maceió's in a second half of the 19th century. We will, therefore, deal with the first investigations and ideas developed from the analysis of the traces left in newspapers, which builds the image of a great poetess from Northern

Brazil. As for the theoretical aspects, my approach is in line with feminist studies of history, as well as gender studies in an intersectional perspective (SCOTT, 1995; NICHOLSON, 2000; CRENSHAW, 2002; RUBIN, 2003).

Palabras clave/Keywords: Rosália Sandoval; Women's press; Feminism.

Introdução

Nos últimos anos me deparei com um significativo número de impressos produzidos na segunda metade do século XIX, voltados ao público feminino de Alagoas¹. Apesar de algumas mulheres envolvidas com esta imprensa serem conhecidas, ou melhor, não serem completamente ignoradas em produções acadêmicas, todo o movimento em torno dos periódicos femininos do estado esteve longe de ser objeto de estudo historiográfico até agora. Despertada a curiosidade e o sentimento que a ação de mulheres no passado de Alagoas tem relevância para o tempo presente, iniciei o mapeamento e leitura da imprensa feminina das cidades de Penedo e Maceió, as únicas até o momento onde foi demonstrado existir tais periódicos. O modo como estas fontes serão abordadas se deve, em muitos aspectos, à participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Gênero e Sexualidade, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o GEPHGS, coordenado pelo professor Dr. Elias Ferreira Veras. Com o apoio do grupo e os resultados de minhas pesquisas, considerei escrever individualmente a respeito de cada uma das mulheres que se destacaram por sua escrita e pela produção de jornais femininos em Alagoas. Desse modo, este artigo discorre sobre Rosália Sandoval, criadora e redatora do jornal *O Rosal* (1903).

O levantamento de fontes sobre a poetisa foi possível graças ao mecanismo de busca por *palavras-chave* nos conteúdos dos periódicos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN). Apesar dos limites encontrados, visto que muitos impressos foram perdidos ou não se encontram digitalizados, o tipo de pesquisa permitiu com significativo êxito produzir esta narrativa histórica.

¹ A imprensa feminina surgiu na Inglaterra ao fim do século XVII, período em que a imprensa periódica encontrava rápida expansão no Velho Mundo (BUIIONI, 1981). Ela consiste, a grosso modo, em impressos criados para mulheres. No Brasil, os primeiros periódicos dessa linha foram criados no início do século XIX, enquanto em Alagoas, apenas na segunda metade deste mesmo século (DUARTE, 2016).

Foram mapeados uma variedade de jornais que possuem mais de 120 (*cento e vinte*) menções à poetisa do Norte. Eles registram o período dos seus primeiros versos aos seus últimos anos de vida, entre 1888 e 1953. Entre eles se destacam os jornais do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, com metade dessas aparições de Rosália Sandoval. Outro elemento importante foram as referências bibliográficas sobre a escritora, que tornaram acessíveis outros dados e visões sobre sua vida e obras literárias. São poucos textos, publicados em forma de artigo, monografia ou dissertação, mas que auxiliaram de forma significativa, sobretudo, pela indicação de outras fontes que em meio a pandemia do Covid-19 não foram possíveis de acessar (OLIVEIRA, 1997, 2000; MADEIRA, 2015).

Em linhas gerais, a pesquisa revelou que o “reconhecimento” de Rosália Sandoval na imprensa esteve sempre condicionado ao seu “enquadramento” ao feminino.² Sob a proteção do “espírito feminino”³, ela pôde ser reconhecida como educadora e poetisa. Entretanto, não devemos reduzi-la à reprodução fiel das normas de gênero⁴ e aceitar que estas são forças inescapáveis. Dito de outro modo e com a ajuda de Michel Foucault (2013, p. 105): “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Rosália Sandoval, assim como várias outras mulheres que se arriscaram no campo das letras e do jornalismo no século XIX, encontraram maneiras de sobreviver ao mesmo tempo que iam conquistando novos espaços e experimentando liberdades. Ainda que essas ações sejam diferenciais,

² Segundo a lógica da divisão sexual, apenas duas identidades sexuais são possíveis de serem vividas: macho/fêmea; homem/mulher. Para justificar esta ideia se recorre à diferença biológica dos corpos (cromossomos, hormônios, fenótipo, etc.). Também é comum à via religiosa. O catolicismo, religião oficial do Estado até a primeira Constituição Republicana em 1891, coloca na origem da vida humana a criação divina de Adão e Eva. A essência produzida por estes discursos, (re)alimenta a produção hegemônica de comportamentos generificados. Elas supõem “que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma” (LOURO, 2000, p. 8). O feminino e o masculino estão “enquadrados” por estes “regimes epistemológicos”, que determinam quem poderá ser reconhecido como homem ou mulher, estas condições são históricas e sujeitas às disputas de poder (BUTLER, 2015).

³ O “espírito feminino” neste trabalho, demarca a existência de discursos essencializadores da identidade feminina (estão presentes no regime jurídico, religioso, médico), que além de centrados na diferença biológica, atribuem uma natureza dócil, recatada, amorosa e maternal às mulheres. Esses significados são antes um desejo, um vir a ser, do que um dado intrínseco aos corpos (NICHOLSON, 2000).

⁴ Tomada como “o normal”, a diferença sexual é interiorizada pelas sujeitas que são, desde o nascimento, ensinadas quais os comportamentos e desejos corretos ao seu sexo, também àqueles que serão passíveis de punição (FOUCAULT, 2014). Fazer este tipo de relação é possível através do uso do gênero como ferramenta de análise histórica, à medida que desnaturaliza os lugares sociais pautados na diferença sexual (SCOTT, 1995).

pelas condições diversas em que se encontravam na estrutura patriarcal, racista, classista e sexista do Brasil, construíram uma rede de contestação da desigualdade entre homens e mulheres, sobretudo no que diz respeito ao acesso à educação.

A posição de Rosália Sandoval nas estruturas mencionadas não lhe concedeu quantificáveis privilégios: pessoa negra, de origem humilde, recorreu à docência para viver por sua própria conta. Não passou ilesa às dificuldades e aos limites colocados ao seu corpo lido como feminino. O desconforto surge, inclusive, pelo questionamento de sua “honra” através de fuxicos. A cidade de Maceió, como sua terra natal e lugar onde passou a maior parte de sua juventude, se mostrou vigilante aos comportamentos, evidenciando a existência de um “dispositivo”⁵ de gênero e sexualidade que visava manter as relações hierárquicas entre os sexos.

A primeira parte deste artigo apresenta Rosália Sandoval e faz alguns apontamentos sobre a sua relação com a cidade de Maceió, capital alagoana acusada em jornais do Sul de ter costumes provinciais incompatíveis com os avanços da intelectualidade e das artes. Também interessa compreender a expressão de Rosália Sandoval no campo literário, suas reivindicações e desejos, assim como as conexões que buscou com poetisas e poetas latino-americanas/os. Para finalizar, farei uma breve descrição da participação de Rosália Sandoval na imprensa, como colaboradora de jornais femininos e criadora de *O Rosal* (1903), uma pequena revista literária consagrada à mulher alagoana. O foco será demonstrar como a modalidade de impressos para o público feminino e a escrita de mulheres serviram para dar vazão a desejos e lamentos, através de diferentes textos que à primeira vista pareciam despretensiosos, mas que, na verdade, de forma subentendida (nem sempre), questionavam os costumes e valores de uma sociedade patriarcal e cisheterossexista⁶. Essa “vontade de dizer” atravessa as fronteiras do local e do regional — no caso de Rosália Sandoval também as fronteiras nacionais — abrindo possibilidades de novas construções do feminino (CARVALHO,

⁵ “Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode manter entre esses elementos” (FOUCAULT, 1993, p. 244).

⁶ União das opressões que atinge mulheres, pessoas trans*, gays, lésbicas, não-binárias, assexuais, bissexuais, intersexo, etc. Em contrapartida, reforçam o lugar privilegiado do homem cisheterossexual.

A poetisa e a “cidade provinciana”

Tendo em vista o grande número de pessoas que não conhecem Rosália Sandoval, é justo fazer as apresentações. Obviamente, só é possível fazê-lo na medida do que permitem as fontes históricas. O conjunto documental levantado tem alcance limitado ao que está disponível em formato digital, e algumas imprecisões pairam também sob a bibliografia consultada. Rita de Souza Abreu, talvez tenha nascido num dia de abril (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06/04/1920, p. 3), mas certamente antes de 1883, ano de nascimento de seu irmão mais novo, Sebastião de Abreu. Pela proximidade que tinha com este irmão, é possível que suas idades fossem próximas. Reforça esta ideia um relato da própria poetisa, que diz não ter memórias sobre sua mãe, Epifânia de Pontes Abreu, falecida pouco tempo depois do nascimento de Sebastião. Seu pai foi o major do exército Felipe Sant'Iago de Abreu, condecorado como herói da Guerra do Paraguai, da qual participou como voluntário.

É provável que esta memória de herói do seu pai lhe tenha concedido de algum modo uma abertura na imprensa republicana para publicar suas composições. Por ser órfã desde muito cedo, sem família que a acolhesse e protegesse, mulher solteira, sem patrimônio para sustentá-la, Sandoval tornou-se vulnerável à calúnia dos valores patriarcais, pelos quais a mulher era objeto de constante desconfiança, tanto moral quanto intelectual (MADEIRA, 2015, p. 335) [tradução livre]⁷.

Assim como Epifânia de Pontes Abreu, o pai de Rosália Sandoval faleceu sem ver a maturidade da filha, restando os laços familiares com seus irmãos Emygdio José de Abreu, Rosalvo de Abreu e Sebastião de Abreu, deste último foi especialmente mais próxima. Na verdade, falar da poetisa do Norte em um texto histórico sem citar seu irmão mais novo é tarefa quase impossível.

⁷ “Es probable que esta memoria de héroe de su padre le haya concedido de algún modo una abertura en la prensa republicana para publicar sus composiciones. Entretanto, el hecho de ser huérfana muy temprano, sin familia que la acogiese y resguardase, mujer soltera, sin un patrimonio que la sustentase, Sandoval se volvió vulnerable a las maledicencias de los valores patriarcales, para los cuales la mujer era algo de constante de desconfianza tanto moral cuanto intelectual” [original].

Não porque desejamos repetir o controle patriarcal sobre os corpos das mulheres, visto na forma que elas são nomeadas nos jornais, sempre associadas ao nome do pai, primos, irmãos, marido ou cunhados. Antes, porque a morte precoce de Sebastião de Abreu, causada por uma pneumonia em 1909, foi repetidas vezes usada como justificativa para a reclusão e tristeza da poetisa. Da morte de Sebastião de Abreu em diante, Rosália Sandoval deixou os convívios da cidade de Maceió, realizando apenas os trabalhos como docente e poetisa. Além do amor que nutria pelo irmão, pois demonstrou isso em vários momentos de sua escrita, ou pela tristeza que sua morte lhe causou, é evidente a inconveniência de aparecer desacompanhada nos círculos sociais da cidade, o que poderia ocasionar, como aponta a pedagoga Maria das Graças Madeira (2015), a desconfiança sobre sua honra e, de um modo geral, o falatório da cidade.

É interessante perceber que em outros lugares, sobretudo no Rio de Janeiro e Pernambuco, Rosália Sandoval é exaltada pela imprensa, mas em Maceió, o mesmo não acontece. Não tinha marido e por isso não constituiu família nos moldes conservadores, situação que parece incomodar crescentemente, à medida em que ela envelhece sem tornar-se mãe e esposa. Para Joana Maria Pedro (1994), que analisou os papéis sociais femininos em Desterro/Florianópolis, no final do século XIX e início do XX,

A honra das famílias, e, no interior delas, a das mulheres, tornou-se um dos alvos visados pelos jornais. Para as mulheres dessas famílias, envolvidas nas disputas políticas, a “honestidade” teria que ser inquestionável. Qualquer “mau passo”, qualquer “deslize” que as tornasse “faladas”, poderia eliminar sua família da arena política. Foi possivelmente por isso, que, neste momento, nas páginas interiores dos jornais, as imagens femininas foram tão abundantes: as mulheres eram um dos pontos-chave no processo de exclusão dos grupos que disputavam o poder local (PEDRO, 1994, p. 55).

Para o caso de Maceió, isto é verdade não somente para as mulheres da elite política e econômica da cidade, mas para qualquer uma que desejasse exercer atividade remunerada e “honesta”, dentro ou fora de casa, e que necessitasse da opinião pública favorável. Para as professoras, por exemplo, a questão é fundamental, pois, é esperado delas uma reputação imaculada. Se a ideia de “espírito feminino” é utilizada para defender a vocação das mulheres para o ensino

público enquanto uma extensão da maternidade, não significa, necessariamente, que estivessem livres para dispensar o matrimônio e a gestação.

Formada pela Escola Normal de Maceió, ao longo de sua vida Rosália Sandoval trabalhou como professora particular e também pública, chegando a dirigir a *Escola Anta de Souza* em 1912, segundo a *Revista Comercial das Alagoas* (31/08/1912, p. 8). Para mais detalhes de sua atuação como docente, podemos contar com a ajuda de Madeira (2015), a qual teve acesso aos registros escolares do Arquivo Público de Alagoas (APA).

No que se refere ao magistério, tornou-se professora primária nomeada pelo Governo do Estado de Alagoas em 1905 para as cidades de Porto de Pedras e União dos Palmares. Em 1905 assumiu o cargo de instrutora primária em Maceió e no ano seguinte foi transferida para Piquete, hoje Ibateguara. Não se sabe por quanto tempo permaneceu professora pública, tendo-se noticiado a seu respeito na direção de escolas particulares, juntamente com Cecília Silva. Um deles foi para o Partenon Alagoano, escola diurna para meninas e jovens de Maceió, que oferecia ensino infantil, fundamental e médio, incluindo piano, música, prendas domésticas e francês, com o método Berlitz. [...] Por volta de 1917 assumiu o cargo de professora, no recém-inaugurado colégio Pritaneu Alagoano, de propriedade de Esmeralda Roza e Silva. Lá ensinou letras e artes junto com Anna Sampaio Duarte, filha de María Lucia, outra escritora e professora alagoana do Brasil-Império (MADEIRA, 2015, p. 336) [tradução livre].⁸

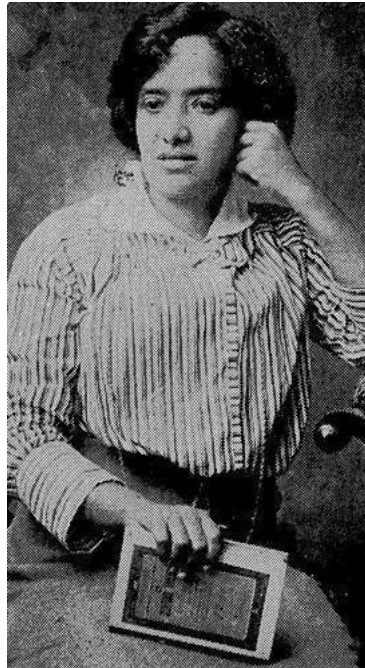
Como a pesquisadora ressalta, Rosália Sandoval nunca permaneceu por muito tempo nas instituições de ensino em que trabalhou, transitabilidade para a qual podem haver muitas razões, até o momento difíceis de definir. Contudo, a educação para meninas e a docência por parte de mulheres era uma reivindicação ressaltada pela imprensa feminina de Alagoas. Longe de ser algo consolidado, escolas para meninas abriam e fechavam com frequência, por escassez de investimentos, professoras

⁸ “En lo que se refiere a la docencia, se convirtió en profesora primaria nombrada por el Gobierno del Estado de Alagoas en 1905 para las ciudades de Porto de Pedras y União dos Palmares. En 1905 asumió un cargo de instrucción primaria en Maceió, y en el año siguiente fue transferida para Piquete, actualmente conocida como Ibateguara. No se sabe por cuánto tiempo ella permaneció profesora pública, dadas las noticias con relación a ella en la dirección de los colegios particulares, juntamente con Cecília Silva. Una de ellas fue al Partenon Alagoano, externado para niñas y jóvenes de Maceió, ofertando el curso infantil, primario y secundario, incluyendo las enseñanzas de piano, música, aprendizaje doméstico y de la lengua francesa, con el método Berlitz. [...] Alrededor de 1917 asumió el cargo de profesora en el recién-inaugurado colegio Pritaneu Alagoano, de propiedad de Esmeralda Roza e Silva. Allí enseñaba letras y artes juntamente con Anna Sampaio Duarte, hija de María Lucia, otra escritora y profesora alagoana de Brasil-Imperio” [original].

ou alunas. Havia ainda muita desconfiança e questionamento da necessidade de educar meninas, ainda mais quando o currículo oferecido pela escola fugia ao que elas “realmente deveriam saber”: como se comportar, cuidados domésticos, costura, bordado e música, sendo o piano o mais admirado pelas elites.

Outro elemento importante diz diretamente sobre a moral de Rosália Sandoval, questionada por suas/seus conterrâneas/os, como a revista *Heliópolis* (1915), da cidade do Recife-PE, permite saber. O texto publicado pela revista consiste numa pequena biografia assinada por Mario Linhares, que sem receios sai em defesa de Rosália Sandoval, porque, “Apesar do cuidadoso recolhimento em que há vivido, não tem faltado à poetisa as increpações malevolentes do despeito insensato” (HELIÓPOLIS, 01/07/1915, p. 14-16). Esta defesa diz mais sobre os olhares da cidade do que sobre as "vergonhas" que Rosália Sandoval poderia ter praticado. Mostra também a preocupação de manter-se longe dos falatórios, que poderiam levar seus escritos e suas atividades como professora ao descrédito. Deveria antes corresponder ao “enquadramento” do feminino que ganhava espaço nos meios intelectuais e literários, de mulher delicada, pura, recatada e maternal, indispensável para a criação dos futuros cidadãos que conduzirão o país. A revista *Heliópolis* traz também uma fotografia de Rosália Sandoval, que pode ser vista abaixo.

Imagem 1: Rosália Sandoval.



Fonte: *Heliópolis*: Revista de Artes e Letras. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=216968&pesq=&pagfis=588> Acessado em:
20/08/2021.

Por outro lado, não seria estranho que alguma ação, por mais discreta que fosse, pudesse causar problemas. Ainda mais se estiver relacionada à afirmação levantada pela pedagoga feminista Schuma Schumacher (2004, p. 54), que diz diretamente sobre a sexualidade de Rosália Sandoval. Schumacher, que publicou o livro *Gogó de Emas: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas*, aponta a existência de “alguns traços do amor entre mulheres” na poesia *Conceito*, de Rosália Sandoval, poesia feita especialmente para o segundo número do *Almanack Litterario Alagoano das Senhoras* (1888-1889). Entretanto, a poesia não diz tanto quanto Schumacher parece querer ver, pois, caso Rosália Sandoval tenha se relacionado amorosamente com mulheres, e até mesmo com homens, o fez silenciosamente, sem que isso ficasse evidente em sua escrita, onde por vezes o eu-lírico expressa sentimentos amorosos por imagens femininas e masculinas. Apesar disso, Rosália Sandoval deveria saber que suas ações dificilmente escapariam à curiosidade e condenação dos maceioenses.

Em *Ninbo de Cobras*, obra do escritor alagoano Lêdo Ivo (1980, p. 32), é insistente a lembrança de que em “Alagoas só os tesouros escondidos pelos holandeses não eram descobertos. Do resto, sabia-se, fosse o nome de um ganhador da loteria ou um incesto”.

Interessante observar que o fuxico em Maceió não é dissonante aos valores hegemônicos das normas de gênero. Em muitas oportunidades, mapeadas, mas extensas demais para caber neste texto, os jornais apontam o fuxico como uma das características do povo alagoano. Este teria predileção pelos assuntos considerados da ordem do pessoal e do privado, em prejuízo daqueles de valor público e político. Por mais que esta seja uma generalidade e a divisão das esferas de ação entre público e privado devam ser entendidas como invenção da modernidade, ela é reforçada no interessante exemplo encontrado no *Semanário Novidade*, de 1931. O texto sem assinatura faz referência ao episódio da exoneração do médico Hermilo de Freitas Melro (1880-1957), primeiro interventor federal em Alagoas depois do golpe de 1930, quando nem mesmo a “própria índole” da população alagoana, em sua predileção pelo fuxico, teria servido para dar atenção ao caso.

Os jornais brasileiros, especialmente os do Rio e Pernambuco, falaram vários dias do «caso político de Alagoas»: a exoneração do doutor Freitas Melro e a consequente substituição à Interventoria Federal.

Lá fora o assunto interessou bastante, como sempre interessam as quedas e ascensões da Segunda República.

Entretanto, em Alagoas pouco se tratou a respeito do caso. As classes mantiveram-se impassíveis, o povo continuou indiferente e, contra a nossa própria índole, nem os fuxicos apareceram.

Apenas nos bares os comentadores habituais se entre conversando arriscam:

— Então, o novo interventor de Alagoas, já se sabe?

— Dizem que será etc.

E o assunto foge. Exatamente como se se tratasse da sucessão presidencial de um clube de futebol.

Se corresse, no entanto, que a mulher de fulano tinha sido vista em companhia de um sicrano, tudo mudava. Os comentários inundariam as ruas, o assunto ficaria sufocado pelo fuxico unânime da cidade durante duas semanas, a sociedade coraria, faria greve.

Mas um caso político é, para nós, um «simples» caso político. Para um povo doméstico somente tem importância às questões domésticas (NOVIDADE, 1931, p. 7).

Este texto, consonante com a posição política regionalista defendida pela revista *Novidade*, é uma crítica ao comportamento das/os alagoanas/os frente às mudanças políticas que ocorrem no estado, resultante de decisões externas. Ele, conjuntamente, deixa entrever o interesse “unânime” em outros assuntos, a saber a fiscalização da moral pública e privada, empreendida pelos olheiros de plantão, onde nem mesmo o isolamento é suficiente para manter um “bom nome”.

Para além dessas questões, de Norte a Sul, não era fácil sobreviver unicamente das letras. Todavia, em Maceió as/os escritoras/es enfrentavam as maiores dificuldades para sobreviver unicamente de sua produção literária. Pesa-se também, os maiores desafios enfrentados por pessoas pobres, negras e/ou consideradas desviantes das normas de gênero e sexualidade. O caso de Sebastião de Abreu, poeta, cronista e irmão de Rosália Sandoval, pode ajudar a compreender como se dá esta dificuldade em Maceió. Devoto à sua produção literária, durante curto período foi funcionário dos Correios, não demorou para ser afastado de suas funções, por não as cumprir. Em sua defesa, Rosália Sandoval disse que lhe faltava a “vocaçãõ” para este tipo de serviço, considerado por ele monótono e sem brilho. Mais tarde, em 1951, ela reuniria os escritos do irmão no livro *Angelus*. Levando em conta que faleceu ainda jovem, Sebastião de Abreu teve considerável produção. O fato é que ser poeta não era considerado um trabalho ao qual é atribuído um salário. Mesmo que a leitura tenha encontrado espaço entre as classes ricas do estado, numa tentativa de copiar a civilidade e as luzes europeias, não é daí que retiraram suas fortunas, antes da exploração de pessoas e de recursos naturais.

Em Alagoas, a economia esteve até o século XIX quase exclusivamente voltada à produção de açúcar. Os antigos engenhos definiram tanto a ocupação humana quanto as características político-econômicas, domínio que não se esgota ao fim da escravidão ou do Império (BRANDÃO, 1909). Sebastião de Abreu, que é hoje patrono da 25ª cadeira da Academia Alagoana de Letras (AAL)⁹, como muitas/os outras/os, teve de arranjar-se em trabalhos indesejados para sobreviver. Será este o mesmo cenário de sua irmã, considerando os limites impostos pelo sexismo, que, por muito tempo,

⁹ E Rosália Sandoval, tem lugar na AAL? Dentre os 40 patronos da entidade nenhuma cadeira é ocupada por mulheres, marcando a invisibilidade delas nas letras alagoanas.

definiu e continua regulando o acesso e permanência de mulheres em determinadas profissões? Este fato não passou despercebido por Rosália Sandoval, vejamos o que diz:

Toda essa gente que trabalha, na minha terra, vive aí para um canto, como gente que para nada servisse.

Sozinhos, dentro da sua produção artística, eu os comparo às flores do sertão que vivem para ornar e perfumar as solidões.

Cruéis antithesis da vida!...

Enquanto uns sobem, muitas vezes, sem utilidade, as altas escadarias da vida, os que se esforçam, os que vivem pela arte e para o belos ideais, não encontram nunca, uma escada, para subir, e vão toda a vida palmilhando, entre sonhos e sirtes, a estrada luminosa de seu ideal.

É assim que vivem na minha terra e em todo o Norte, deste imenso Brasil, os talentos que não tiveram a dita de nascer à sombra protetora dos cifrões (DIÁRIO CARIOCA, 14/03/1931, p. 6).

Estas duas ideias, sobre o fuxico e o trabalho intelectual em Maceió, revelam especialmente as condições de vida de Rosália Sandoval nesta cidade. Sobre um caso ela registrou suas ideias, ainda que timidamente, como visto acima, do outro, talvez não tenha podido. O mesmo não pode ser dito de outros escritores contemporâneos à ela que deixaram o estado, como o jornalista e político Povina Cavalcante, natural de União dos Palmares-AL. Em texto publicado em 1922 pelo semanário *Fon Fon* (07/09/1922, p. 53), ele acusa que, ao menos para as letras, o advento da União Federativa não foi sentido em Alagoas. Também na revista *Careta* (28/01/1911, p. 15), em edição de 1911, um artigo sem assinatura discorre sobre as dificuldades que as escritoras encontravam para ganhar projeção, uma vez que “vivendo no meio estreito da província, não conseguem passar da obscuridade”. Tendo isto em vista, Rosália Sandoval se estabelece no Rio de Janeiro, onde encontraria mais espaços constituídos para o ensino, a produção artística e intelectual.

Triste, pacífica e transnacional

Depois de pequena estadia no Rio, Rosalia que viera em comissão do governo alagoano, tinha que voltar à terra patricia. Saudosa das amizades reconfortantes que achara no meio carioca, a consagrada escritora tinha que regressar. Regressou (GAZETA DE NOTÍCIAS, 18/04/1915, p. 2).

A notícia acima, registrada por Carlos Rubens no jornal *Gazeta de Notícias*, se refere àquela que parece ter sido a primeira visita de Rosália Sandoval ao Rio de Janeiro. O texto repleto de elogios à poetisa é acompanhado de uma fotografia que a torna conhecida no Rio não somente pelas palavras do jornalista. Nesta cidade ela é abraçada por alguns residentes que, igualmente, deixaram o Norte em busca de melhores condições no campo intelectual. Quando me refiro ao Norte, ao invés de Nordeste, o faço em consonância com as próprias ideias e nomenclaturas da época. Lembremos do historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior (2011), em sua obra *A invenção do nordeste e outras artes*, segundo a qual, o Nordeste é uma invenção das primeiras décadas do século XX.

É importante perceber as alianças que foram sendo construídas a partir das migrações, o que sem dúvidas facilitou a mudança e fixação de Rosália Sandoval no Rio de Janeiro. Esses deslocamentos, portanto, salvo no caso das mulheres, não correspondem necessariamente a uma excepcionalidade. Contudo, não foi uma mudança imediata, ao longo da década de 1920 a poetisa viajou entre Maceió e o Rio com alguma frequência. Segundo Madeira (2015), no início desta década, ela já ensinava português e francês em terras cariocas. A mudança foi concretizada apenas entre 1929 e 1930. Em 1929, é noticiado pelo *Correio da Manhã* e também pelo *Diário Carioca* mais uma visita da poetisa. Na oportunidade, um grupo de intelectuais, entre eles(as) dois já citados neste artigo, Mario Linhares e Povina Cavalcanti, ofereceram um almoço "à poetisa alagoana d. Rosália Sandoval, ora a passeio no Rio" (CORREIO DA MANHÃ, 15/06/1929, p. 6). Outra visita, já em 1930, é noticiada pelo *O Jornal* (07/03/1930, p. 12), que diz que Rosália Sandoval chegava ao Rio acompanhada de Nephtalina Fernandes Lima, acompanhante da qual não foi possível achar informações.

Em 1930, muitos jornais trarão o nome da escritora, com publicações que a parabenizam pelo lançamento de seu mais novo livro, *Versos Albeios* (1930). Deste ano em diante as aparições da poetisa na imprensa começam a minguar. Uma lista publicada no *Annuario Brasileiro de Literatura* (1938, p. 12) é talvez a mais reveladora quanto às condições em que se encontra a poetisa vivendo no Rio. Ela informa, nada menos, que o endereço de Rosália Sandoval, situado na rua Maxwell, número

169, casa 3, em Vila Isabel. A casa ainda está de pé, nela parece ter funcionado o aluguel de pequenos quartos. Quem desejar conhecê-la sem viajar ao Rio, basta usar como ferramenta o *Google Maps*¹⁰.

Uma característica indiscutível nos trabalhos de Rosália Sandoval é a tristeza expressada, a solidão e a desesperança. Tudo com uma leveza de quem aceita a própria sorte, o fardo pesado para que os versos sejam verdadeiros. *Violetas*, livro de versos publicado em 1922, expressa toda essa melancolia, que não passa despercebida aos jornais da época.

Com os dias que foram vindo a alma tombou num ermo e numa desolação sem remédio. Ficou-se no isolamento da província, erradia voluntária, soltando as suas endechas, como uma ave num recesso de gruta. Cada dia a vida lhe dá, na sua realidade, mais um motivo de ceticismo e de desesperação. O mundo faz-se para a cantora dos “Trevos” uma noite em tenebras, na qual anseia o rosicler de uma aurora — uma outra vida onde as criaturas sejam menos cruéis e as penas mais sofríveis. E enquanto a vida nova não chega, Rosália Sandoval vai cantando no lirismo dos seus versos, as suas mágoas comoventes. Toda a poética de Rosália Sandoval vive dessa tristeza, bóia na melancolia que se não sabe se vem de um sonho que se diluiu em saudades, ou é ainda um sorriso melancólico. Página a página, verso a verso, a alma da poetisa só desabrocha em prantos, em desesperanças, em desejos de morte. Mas nem por isso “Violetas” é um livro de desespero. A tristeza que há nele é uma tristeza boa, porque é uma tristeza humana que se sente nas horas de descanso e de perdida ilusão (O DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/05/1922, p. 1).

A obra de Rosália Sandoval pode ser dividida em quatro períodos. O primeiro corresponde aos seus primeiros escritos para imprensa e a produção do livro *Alvoradas* (1904), que a tornou conhecida pelo país. Um segundo marcado pelas produções voltadas ao ensino, como *Através da Infância* de 1918 e o *Curso Elementar de Português*, de 1922. O terceiro, se dedica ao alcance de escritoras/es latino-americanas/os traduzidas/os para a língua portuguesa, do qual é resultado o livro *Versos Albeios*, de 1930. Por último, temos uma obra capaz de reunir sua experiência de vida numa verdadeira desesperança, um clamor de melhorias pela via religiosa, como é *Preces à Humanidade*, publicada em 1954. Luciana Oliveira (2000), traz em sua dissertação de mestrado, uma reunião

¹⁰

Disponível

em:

<https://www.google.com.br/maps/@-22.9192254,-43.2418469,3a,75y,152.01h,91.05t/data=!3m6!1e1!3m4!1s9ymWZt0Q4kKA9oPHkoYLSw!2e0!7i16384!8i8192>. Acesso em: [25 ago. 2021].

bastante completa de alguns desses trabalhos de Rosália Sandoval, alguns pouquíssimos conhecidos e que só puderam ser encontrados em arquivos de Alagoas, Pernambuco e do Rio de Janeiro.

Os aspectos religiosos, lendários e a profusão de histórias por ela narradas são marcas que mostram o caráter inerente à postura ideológica absorvida pela formação que teve, de acordo com os valores do fim do século XIX. Ao reproduzir um discurso patriarcal, Rosália se caracteriza em uma projeção de conflitos que revelam desejos e expectativas diante de temas aparentemente sem importância (OLIVEIRA, 2000, p. 3).

Os jornais, ao mesmo tempo que exaltaram Rosália Sandoval, a confinavam junto à sua poética. O enquadramento no ideal, no “espírito feminino”, permitiu que a escritora circulasse entre o público leitor, migrasse para outra cidade, fosse professora e dispusesse da companhia de outras/os poetisas e poetas, sem, no entanto, poder dizer o que realmente gostaria, daí talvez viesse parte de sua angústia. Outro evento que pode ter contribuído para o desdobramento de seus trabalhos tem a ver com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a ascensão do nazismo na década de 1930. “O presente era traduzido em luto da alma e em tempo de ausência. O tempo de outrora era feliz, mas perdido. Nesta condição nostálgica, imperava o desengano [tradução livre]¹¹ (MADEIRA, 2015, p. 341). Rosália Sandoval aponta para uma existência pacífica e de integração entre os povos. É crítica, portanto, da guerra e do assassinato em massa, onde opera um tipo de inversão de valores que resulta na exaltação daqueles que “destroem vidas, [...] chamam-se heróis; são condecorados e seus nomes ficam gloriosos na História”. Já aqueles que se esforçam para salvá-las passam “incógnitos pela vida, sem condecorações, sem os aplausos da multidão indiferente” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 08/08/1937, p. 10). A obra *Versos Alheios* de 1930, vai na contramão da beligerância entre as nações. Nos anúncios dos jornais da época, o descrevem como uma

[...] coletânea de versos vertidos do castelhano, um ramallete lírico em que se reuniu a fina flor da intelectualidade sul-americana, representante dos três principais países — Argentina, Chile e Uruguai. É um livro de confraternização, com uma finalidade de intercâmbio muito significativa e simpática (O DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17/10/1930, p. 14).

¹¹ “El presente era traducido en luto del alma o en un tiempo de ausencia. El tiempo de otrora era feliz, mas perdido. En esta condición nostálgica, imperaba el desengaño”[original].

Desse modo, destaca-se o trabalho de Rosália Sandoval como tradutora. Além das traduções reunidas em *Versos Alheios*, houveram outras publicadas em jornais do Rio, como as poesias *Cansaço* da uruguaia Luisa Luisi e *Nevrose* de Irê Itaubi, cuja nacionalidade é desconhecida. A poetisa do Norte não só foi tradutora, como teve sua obra traduzida pelo catalão Avelino Serra. Todavia, até mesmo esses trabalhos são atribuídos ao seu sexo, de outro modo, não poderiam ser tão “graciosos”. É o que se observa no texto abaixo, publicado na revista *Beira-Mar* em 1930, ainda sobre a obra *Versos Alheios*.

Com aquele sentimento inato de bom gosto que as mulheres cultas possuem, a poetisa não cometeu a deselegância de tratar por ordem de países, ou de sexo, dos autores traduzidos, mas, ao contrário, misturiou-os todos, ao acaso, dando ao conjunto do livro o aspecto de uma linda jarra cheia de flores, na formosa desordem que só as mãos femininas sabem dar... (BEIRA-MAR, 26/10/1930, p. 32).

Portanto, é perceptível que as obras não eram julgadas apenas por elas mesmas, é questão de destaque o sexo de suas produtoras, podendo lhe conceder uma visibilidade comedida pelos valores patriarcais. A escrita de mulheres neste período é crescente, também as oportunidades de frequentar e criar escolas, tema que será mais debatido em análise futura da trajetória e das composições jornalísticas da alagoana Maria Lúcia Romariz Duarte (1863-1917), fundadora do Colégio Atheneu Alagoano para o sexo feminino. O espaço ocupado pela escrita feminina já era suficiente para levantar questionamentos que ficavam no ar, como é visto na provocativa revista *Fon Fon* (12/09/1936, p. 40). A revista lança o questionamento se já não é hora de mulheres ocuparem lugar, quem sabe, na Academia Brasileira de Letras (ABL). Sem dar resposta a questão, a revista apenas lista o nome das candidatas, entre elas, Rosália Sandoval.

Aposta na escrita e nos impressos femininos

Se tua vida se expande na alegria
de um sorriso mais doce, na expressão
dum olhar que te enche de ternura,
duma voz que te prende o coração...
Se é tua vida a vida desse amor,

O encanto dessa Flor,
a graça desse olhar,
é que o destino do poeta
foi e sempre será:
—amar.

Se essa mulher que adoras,
um dia te esquecer,
é teu dever
em versos transformar
a dor de padecer,
a dor de amar
porque
é, também, destino do poeta
—sofrer e cantar (A VIOLETA, 31/10/1939, p. 10).

A poesia acima, não é a única produção de Rosália Sandoval a ser publicada pelo jornal feminino *A Violeta* (1918-1950), de Cuiabá-MT. Houveram outros escritos como *Violeta*, *A Maior Esmola*, *A Pérola* e *Súplica*, todos reproduzidos no ano de 1939. Também não foi o único jornal para o público feminino que buscou na expressão literária da poetisa, afirmação e apoio à escrita das mulheres. Este tipo de impresso do qual falamos “se define pelo sexo de suas consumidoras” (DUARTE, 2016, p. 14). Seu conteúdo, entretanto, não deve ser analisado da mesma forma, tendo em vista que alguns foram criados e redigidos pelas próprias mulheres. Logo, pelo nome de alguns jornais, almanaques e revistas, é possível compreender que sua razão de existir é a “mulher” (BUITONI, 1981). Vejamos alguns exemplos: *O Sexo Feminino* (1873-1874), da cidade de Campanha-MG; *A Mulher* (1875), de Recife-PE; o *Bello Sexo* (1868), do Rio de Janeiro-RJ; o *Espelho das Bellas* (1860-1861), de Maragogipe-BA; a *Revista Feminina* (1914-1926), de São Paulo-SP; *O Jardim das Maranhenses* (1861-1862), de São Luís-MA; e *O Despertador das Brasileiras* (1830-1831), de Salvador-BA. Outros títulos, especificam melhor que “mulher” é essa: *A Mãe de Família* (1879-1888), do Rio de Janeiro-RJ; o *Almanach Litterario Alagoano das Senhoras* (1888-1889), de Maceió-AL; *A Mocinha* (1888), de Curitiba-PR; o *Jornal das Damas* (1890), de São Paulo-SP; e *A Senhorita* (1920), de Curitiba-PR. Já *O Anjo do Lar* (1898), de Belém-PA, ou *O Mensageiro do Lar* (1909-1942), de São Paulo-SP, dão pistas de onde encontrá-la. Por fim, no título da imensa maioria, é utilizada a

linguagem metonímica para criar referências à ideia de “mulher”, geralmente associada às flores¹², pequenos animais¹³ ou pedras preciosas¹⁴.

Não é por acaso que “mulher” se encontra em destaque, no singular e entre aspas. A intenção é mostrar que estes impressos, nascidos no Brasil na primeira metade do século XIX, (re)produzem epistemologias específicas quanto a classificação das/dos sujeitas/os na sociedade, pela atribuição de um ou outro sexo (feminino ou masculino), que guiam as construções subjetivas. Se, ao contrário, fosse usado o plural “mulheres”, poderia dar a ideia de que esses jornais levavam em conta uma pluralidade de ser “mulher”, mas não é o caso. Deveria, quase a me contradizer, alertar para os perigos das generalizações, pois, não tendo analisado todos os jornais, poderia encontrar visadas diferentes sobre ser “mulher”, algo que surpreenderia.

O essencialismo sexual é incorporado no saber popular das sociedades ocidentais, as quais consideram o sexo como eternamente imutável, a-social e transhistórico. Dominado por mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia, o estudo acadêmico do sexo tem reproduzido o essencialismo. Estes campos classificam o sexo como propriedade dos indivíduos. Talvez seja inerente aos hormônios ou a psique. Talvez seja construído como fisiológico ou psicológico. Mas dentre essas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história e tampouco tem determinantes sociais significativos (RUBIN, 2003, p. 10).

O uso da categoria “mulher” nos impressos e na escrita de Rosália Sandoval é um fenômeno político provisório (NICHOLSON, 2000). Ainda que seja adotado por algumas mulheres na atualidade, o essencialismo tem sido evitado baseado na crítica dos feminismos negros, indígenas, lésbicos, trans* e de mulheres do Sul Global. A teoria *queer* tem sido outra corrente de pensamento

¹² *A Rosa* (1907-1908/Cidade de Goiás-GO; 1883/Rio de Janeiro-RJ; 1890-1893/Recife-PE); *O Lyrio* ou *Lirio* (1898/Cataguases-MG; 1902-190/Recife-PE; 1875/Fortaleza-CE; 1960/São Paulo-SP); *A Bonina* (1891/Oliveira-MG; 1854/Recife-PE); *A Camélia* (1890/São Paulo-SP; 1854/Recife-PE; 1898/Mar de Espanha-MG); *A Madressilva* (1869-1870/Recife-PE); *A Violeta ou Violeto* (1887/São Paulo-SP; 1849/São Paulo-SP; 1878-1879/Rio Grande-RS; 1900/Rio de Janeiro-RJ; 1918-1950/Cuiabá-MT); *O Jasmim* (1857/Curitiba-PR; 1850/Recife-PE); *A Primavera* (1861/Rio de Janeiro-RJ; 1875/Açu-RN); *A Flor* (1909/Penedo-AL; 1921-1933/Feira de Santana-BA); *A Tulipa* (1879-1880/Estância-SE); *Magnolia* (1905/Laguna-SC).

¹³ *A Borboleta* (1902/Sabará-MG; 1888/Teresina-PI; 1859/Aracaju-SE; 1860/João Pessoa-PB; 1857/Rio de Janeiro-RJ); *O Beija-Flor* (1897/Viçosa-MG; 1850/Belém-PA; 1883/Recife-PE; 1880/Recife-PE; 1869-1870/Maceió-AL; 1881/Salvador-BA); *Phalena* (1877/Recife-PE); *O Colibri* (1870/Rio de Janeiro-RJ; 1888/Manaus-AM).

¹⁴ *A Perola* (1899/São Paulo-SP; 1895-1896/Oliveira-MG); *A Esmeralda* (1850/Recife-PE).

que estabelece que nossos corpos não são parte de um evento “pré-discursivo”. O corpo e os seus gestos são tomados aqui como atos “performativos”, em outras palavras, as feminilidades e as masculinidades são apreendidos e (re)formuladas na própria ação das/os sujeitas/os (BUTLER, 2003). Mais recentemente, a teoria *queer* e o transfeminismo se aliaram aos demais feminismos, para juntos fazerem crítica e resistência ao patriarcado, ao machismo e ao sexismo. Levando em conta as contribuições da transfeminista e pedagoga Letícia Nascimento (2021), as diversas formas de pensar os feminismos podem ser conectadas, dos antigos aos contemporâneos, dando a ideia de continuidade, necessária para o fortalecimento da luta em seu caráter histórico.

O empreendimento em um discurso feminista, ou melhor, discursos feministas, é percebido em diferentes intensidades nos jornais femininos e na escrita de Rosália Sandoval. Contribuíram para a difusão no Brasil, por todas as partes do Império e posteriormente da República, da tônica da “condição feminina”. Ainda que, neste cenário, não possam ser dissociadas das visões essencializadas da divisão sexual, foram formas incipientes de contestar o sistema de pensamento moderno ocidental, sobretudo o patriarcado e o sexismo. A crítica feminista parece está presente mesmo imbuída em formatos mais conservadores, dispersas, foram incorporadas à “normalidade” e ao “sem história”, de modo que se nega ou se esquece das profundas transformações que operou na sociedade.

Essas constatações têm levado a se tentar entender por que à entrada maciça das mulheres na esfera pública, sobretudo nos últimos 30 anos, à decorrente “feminização da cultura”, isto é, à incorporação crescente de valores, idéias, formas, concepções especificamente femininos pelo mundo masculino, não correspondeu uma crescente valorização do feminismo, tanto quanto uma incisiva adesão a ele, seja se for considerado um conjunto de idéias que reivindicam os direitos da mulher, seja como referência às práticas e lutas que eclodiram e têm eclodido na sociedade (RAGO, 2001, p. 60).

Na escrita de Rosália Sandoval, em sua atuação ativa na imprensa feminina e na forma que organizou suas obras, percebe-se as particularidades de suas idéias sobre a relação entre homens e mulheres. Apelando aos sentimentos cristãos e ensinamentos de Jesus Cristo, defendeu que “a boa nova” trazida por ele, “visava a transformação moral da humanidade” (CORREIO DA MANHÃ, 21/04/1935, p. 5). Segundo ela, a igualdade de mulheres e homens pelo evangelho é algo premente.

Outro movimento realizado nos seus escritos, em torno de personagens femininas, fazem contraponto aos textos sexistas veiculados pelos jornais, geralmente em tom de piada ou acusação. Sogra, solteironas, mulheres desinibidas ou que “falam demais”, até mesmo as chamadas bandoleiras, ganham em seus escritos uma posição favorável.

Quanto ao jornal feminino por ela redigido em 1903, por hora, se sabe pouco a respeito da composição de suas páginas. No entanto, pela análise mais geral de suas obras, da imprensa feminina de Maceió e do que foi dito em outros jornais, o *O Rosal*¹⁵ cumpriu o papel de difundir a escrita de mulheres. Em certo sentido, ele dá continuidade ao que foi realizado por Maria Lúcia Romariz Duarte e Rita de Mendonça, que publicaram juntas, em 1887, a *Revista Alagoana*, periódico científico e literário de propaganda da educação da mulher. Também o antecede a iniciativa de Maria Anette, no carnaval de 1889, quando distribuiu o primeiro número do jornal *O Feminista*, reivindicador da emancipação da mulher (SCHUMAHER, 2004). Todos eles não tiveram muito mais que um ano de existência, no entanto, são porta-vozes do empreendimento emancipatório das mulheres maceioenses.

Considerações finais

Os discursos feministas, ao longo do tempo, tiveram que incorporar como preocupação o apagamento de outras identidades femininas que não correspondem ao "ser mulher" que encontramos nos impressos mencionados acima, ou na escrita de Rosália Sandoval. O enquadramento da “mulher” nos periódicos nos diz sobre a expansão das epistemologias eurocêntricas em nosso continente e do epistemicídio das culturas indígenas e africanas¹⁶. A própria ideia de “mulher” parece estranha a outras civilizações, seja de povos indígenas, ocupantes originais

¹⁵ ROSAL, O. Em 10 de agosto de 1903 sai o primeiro número, em Maceió, desta pequena revista literária consagrada à mulher alagoana. Era redigida por Rosália Sandoval e Rita Souza, e dirigida por Torquato Cabral. Bimensal. O primeiro número foi impresso na Tipografia Fonseca, do segundo em diante na Tipografia Comercial de M. J Ramalho. Bibl. Nac. microf. n. 2 de 31/08/1903. In. **ABC DAS ALAGOAS**, volume 2, p. 502.

¹⁶ Sobre epistemicídio ver a tese doutoral de Sueli Carneiro, *A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*. São Paulo: FUESP, 2005.

do território, seja por povos africanos, aqui trazidos pela máquina colonial (LUGONES, 2014). Rosália Sandoval, numa leitura interseccional (CRENSHAW, 2002), é atravessada por questões raciais até então difíceis de dimensionar. Pela análise das fontes, outros marcadores são mais presentes, como a questão de gênero, classe, sexualidade, geração e regionalidade, aspectos que foram trabalhados neste texto. Desse modo, o uso destas categorias na pesquisa histórica se mostrou importante para o diálogo com as fontes, não como determinantes.

Talvez a escrita feminina do século XIX não seja muito referenciada e tampouco conhecida pelas novas gerações, ao menos nos círculos feministas, a relegando ao arcaico e até a apontando como inevitavelmente excludente. É verdade que a ação de mulheres neste período encontra limites das mais diversas ordens, inclusive raciais, de classe e gênero. Acredito que devemos exercer mais sororidade com nossas antecessoras. Como foi dito por uma amiga, "parece que todas as transformações culturais aconteceram na década de 1960", apesar da importância desta década, ela não inaugura todas as reivindicações das mulheres. Como estudantes e produtoras/es de história, sabemos que nenhuma mudança se opera da noite para o dia, devemos, pois, assumir nossa antecedência e lhe prestar os méritos e críticas necessárias para um mundo cada vez mais plural, que junte as reivindicações do passado com as do presente.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes

A BOA Nova. **CORREIO DA MANHÃ**, Rio de Janeiro, p. 5, 21 abr. 1935. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ALAGOAS Intelectual. **FON FON**, Rio de Janeiro, p. 53, 7 set. 1922. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ALAGOAS nas Belas Artes e nas Belas Letras. **DIÁRIO CARIOCA**, Rio de Janeiro, p. 6, 14 mar. 1931. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ALMOÇO. **CORREIO DA MANHÃ**, Rio de Janeiro, p. 6, 15 jun. 1929. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

- A MULHER na academia. **FON FON**, Rio de Janeiro, p. 40, 12 set. 1936. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ENDEREÇO de escritores no Rio. **ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA**, Rio de Janeiro, p. 12, 1938. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ESCOLA Auta de Souza. **REVISTA COMERCIAL DE ALAGOAS**, Maceió-AL, p. 8, 31 ago. 1912. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- HÓSPEDES e viajantes. **O JORNAL**, Rio de Janeiro, p. 12, 7 mar. 1930. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- INTERCÂMBIO Intelectual Latino-americano. **BEIRA-MAR**, Rio de Janeiro, p. 32, 26 out. 1930. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- LIVROS Novos, de S. L., In. **O DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, p. 14, 17 out. 1930. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- MARIANNA Hygina. **CARETA**, Rio de Janeiro, p. 15, 28 jan. 1911. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- NÓS, os descendentes de Deodoro e Floriano... **NOVIDADE**, Maceió-AL, p. 7, 1931. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- O "DIÁRIO" em Alagoas. **O DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Recife-PE, p. 3, 06 abr. 1920. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- O "DIÁRIO" em Alagoas. **O DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Recife-PE, p. 1, 19 mai. 1922. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 ago. 2021.
- POETA. **A VIOLETA**, Cuiabá-MT, p. 10, 31 out. 1939. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ROSALIA SANDOVAL. **HELIOPOLIS**, Recife-PE, p. 14-16, 01 jul. 1915. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- ROSÁLIA SANDOVAL e os XIV alexandrinos. **GAZETA DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, p. 2, 18 abr. 1915. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- VOLTAS do Destino. **GAZETA DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, p. 10, 08 ago. 1937. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

2. Referências bibliográficas:

ABC DAS ALAGOAS. **Dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas**. Edições do Senado Brasileiro, Vol. 1 e 2. Brasília: Edições do Senado, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. — 5. ed. — São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. Penedo: Artes Graphicas Typ. e Pautação de J. Amorim, 1909.

BUTTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**. A representação da Mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismos e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa. **A construção de uma discursividade feminina: a revista Renovação na década de 1930**. 2008. 172 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística: Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10 (1). Florianópolis, p. 171-188, 2002.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Século XIX - Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. — 23. ed. — Rio de Janeiro: Graal, 2013.

_____. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**; 42 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

IVO, Lêdo. **Ninho de cobras: uma história mal contada**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. In. LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**,

Florianópolis, 22(3): Set/Dez, p. 935-952, 2014.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. La escritura literaria de la educadora brasileña Rosália Sandoval (1900-1940). **Actas del XVIII Coloquio de Historia de la Educación**. Vol. 2. Sección 4, p. 333-344, 2015.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo** (feminismos plurais). São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Vol. 8, No. 2, pp. 9-41, 2000.

OLIVEIRA, Luciana Fonseca. Rosália Sandoval, o tempo não te esquece e nós te resgatamos. In: **VII Seminário Nacional Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Rosália Sandoval: história de um resgate**. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) — Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

PEDRO, Maria Joana. **Mulheres honestas e mulheres faladas: Uma questão de Classe**. Florianópolis: Editora Da UFSC, 1994.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. **São Paulo em Perspectiva**, vol.15, n.3, pp. 58-66, 2001.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SCHUMAHER, Schuma. **Gogó de Emas: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas**. Rio de Janeiro: REDEH, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., p. 71-99, 1995,